

## Um gesto insuficiente

*E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. (Tenório, 2020, p. 61)*

*Essa história tem a ver com indignação: “a polícia parando por nada!”. Chegando em casa, voltando da aula no Centro de Formação de Condutores pra tirar a carteira de motorista, você foi parado pela Polícia Militar. Era noite. Os policiais queriam saber quais drogas você tinha nos bolsos porque, pra eles, como você é negro e mora naquele bairro, com certeza, tinha droga. “Na abordagem, não podia gesticular, não podia levantar a mão porque isso era sinal de enfrentar. Eu tinha que responder à pergunta deles de onde era a minha casa indicando ela só com o rosto, que foi o jeito que deu pra não usar a mão.” Jeito que eles não acharam suficiente e, ao levantar o braço pra indicar a sua casa, você levou “um tapa na cara com a mão pesada e dois socos no estômago. Parecia até que era isso que eles queriam que acontecesse”. A chegada em casa veio com essa raiva. Essa muita raiva. Sua mãe a olhar sem saber o motivo daquilo em você. “É uma coisa muito doida, muito sem sentido: traficar não faz levar tapa na cara, mas, fora do tráfico, tem que passar esse veneno. A polícia nem tenta fazer*

*de outro jeito!” Com a raiva, dessa vez, veio em você o choro e o grito, enquanto a polícia voltava ao portão, já na viatura. Sua mãe, parada ali, sem entender nada. Mas você me disse que ela sofria porque, das lágrimas que ela via cair no seu rosto, ela sabia. Os policiais ainda disseram que ela teve sorte, podiam ter levado você por tráfico. Você tinha uma ponta de um cigarro de maconha dentro do maço de cigarros. Disseram que você quase foi levado por isso. [Era “só isso”, e era muito.]*

## 5.1 ERA “SÓ ISSO”, E ERA MUITO

Para Sorriso, primeiro chegava a cor de sua pele. No Brasil, ela justifica que policiais se vejam autorizados a fazer dela planejadas suspeitas, com desconfiças que já existiam antes de se cruzarem dentro de um referencial que diferencia as experiências permitidas a uns e a outros. Caminhar pelas ruas feliz por poder conduzir o próprio carro é uma delas. Sorriso fazia parte de uma classe abandonada de meninos pobres e negros relegados a uma condição de “humanidade supérflua” (Mbembe, 2018) que não precisa ser protegida. Desprezados porque não teriam algo – uma essência – a ser resguardada, seu corpo é mais um que passa, desimportante e, ao mesmo tempo, nunca passa despercebido, sempre notado na espreita do que fará e dos riscos que, supostamente, coloca aos outros. É dessa desproteção que esse menino falava e que o transformava, movido por um afeto que indicava a saúde mental do insubmisso que discorda do modo como é tratado, pois sabe da injustiça que lhe é infligida.

O menino negro cresce percebendo que são seus semelhantes os que tombam; caminha sabendo que seu corpo é algo para se jogar fora e desconfia de seu destino, pois carrega um sem-fim de experiências impedidas. O racismo constrói diferenças tendo por referencial o homem branco (Fanon, 2008) e, ao hierarquizar as dessemelhanças construídas, permite que alguns lancem mão de práticas ofensivas em relação a outros, atravessando radicalmente sua experiência viva. Enquanto aceitabilidade da retirada da vida numa sociedade de normalização (Foucault, 2010a), produz um corte, uma exposição, a multiplicação dos riscos que organizam práticas e relações.

Discursos sobre aqueles que devem ser segregados – no limite, executados – produzem efeitos sobre as maneiras de existir. Por vezes, a pessoa duvida que aquilo que sente seja efeito político, acreditando que é ela a inapta (Filho, 2017). A não nomeação das decorrências dessa lógica no cotidiano dos meninos da medida faz desaparecer sua construção histórica e social, parecendo que são eles os responsáveis por aquilo que vivem, que é culpa sua a consequência de estarem no lugar errado, na hora errada, do jeito errado. Por isso, aquele que sofre precisa de quem reconheça o que se passa, afirmando o enrosco que constitui as experiências que o atravessam (Kilomba, 2019).

Sorriso aprendeu, e dizia, que o que lhe acontecia era o racismo agindo. Escutando-o, parecia haver sempre um dentro-fora para pessoas que, como ele, são colocadas nesse ordenamento que faz com que aquilo que vivem, ao mesmo tempo que não deveria acontecer, não surpreenda quando advém. Contou, em certo encontro, um evento que se tornou a seguinte passagem:

*À noite, na praça em que muitos traficam [não ele], vem um carro de polícia e, de dentro, um policial manda que levante a camiseta para provar o que o menino já sabia: não levava em seu corpo arma alguma. Na ausência do objeto, alguém gritou de dentro do carro: “sai fora, não vou nem descer do carro pra não sujar a mão com você, seu macaco, preto. Sai fora!”. Do lado de fora, o menino ainda pôde ver que havia apenas homens brancos dentro do carro. Seus olhos buscavam alguém que fosse da mesma cor de sua pele para nele encontrar a cumplicidade com a cena que o humilhava. Mas, não: em sua experiência, são sempre brancos os que fazem isso. “Se o policial fosse negro, eu tinha ido pra casa sem essa.”*

O racismo atravessava a experiência viva de Sorriso, que receava ser parado, revisitado, batido e assassinado. Esse temor é estrangeiro para quem não o vive, um sentimento que está lá o tempo todo em quem o tem e que, entretanto, não impede o menino de sair de casa, ir para o trabalho, dirigir seu carro, andar pela praça. Ele convive diariamente com instantes em que vê sua existência no limite, quando o preço da vida aumenta exatamente porque o valor da vida diminui, o que “é uma contradição colossal, mas é assim” (Sousa, 2019, p. 127). Todos com quem conversei falavam das trombadas com os policiais, mesmo fora da cena da infração, e do racismo presentificado nas menores coisas do cotidiano. Havia esse medo que antecipa o encontro com essas situações e que tem razão de ser independentemente da concretização dos fatos, pois, existindo como afeto, o medo já é um evento que acompanha o menino a cada dia.

A percepção da estrutura social, de suas desigualdades e mutilações se dá na carne quando aspectos físicos que identificam o suposto bandido são suficientes para justificar práticas afirmadas como de segurança (Batista, 2003; Feltran, 2011), mas que não constroem uma sociedade segura e apenas ampliam suas vulnerabilidades. Sorriso e Likão sabiam que estavam sujeitos a uma pena de morte a cada dia que não é somente a do corpo físico. Em um dos encontros em que se alternavam para contar cenas de violências sofridas pelas mãos de policiais, Likão narrou o seguinte diálogo:

*Eu tava indo pro trabalho e fui parado pela GCM (Guarda Civil Metropolitana), que é a maior vergonha porque ninguém é parado pela Guarda. Eles já chegaram:*

*GCM: “Vai, encosta, bandido.”*

*Likão: “Sou bandido não, senhor. Eu era da vida errada, mas hoje eu sou direito. Tô indo pro trabalho.”*

GCM: “E essa tatuagem aí? Você é de alguma facção, não é não? O que tem dentro da mochila?”

*Fiquei meia hora lá, com o policial. Mostrei tudo o que tinha na mochila; mostrei a roupa, até a farinha pro bolo que eu tinha comprado pra tia fazer pra nós.*

GCM: “Você tem cara de bandido.”

Likão: “Não pode ter só aparência não, senhor. Tem que provar.”

Após alguns dias, Likão se encontrou com os mesmos policiais enquanto caminhava pela rua: “Uns dois dias depois, levei enquadre dos mesmos policiais e só pra escutar que não adianta andar com o documento no bolso pra se proteger. Depois, ainda escutei deles que tavam com a maior vontade de me matar e abandonar meu corpo no meio da mata”.

Em outros momentos, escutei mães pedirem para seus filhos que cumpriam medida não andarem pelas ruas à noite, menos ainda sem o documento de identificação, na aposta de que quem tem documento é visto como quem não deve nada e nem está sem referência no mundo. No entanto, ele não os protege sempre, sobretudo, de quem afirma a vontade de matar e abandonar o corpo do menino, retirando-o de sua própria história e fazendo dele um corpo sozinho no mundo que, em um instante, pode se tornar “o peso de uma ‘maldição’, que faz dele um simulacro do nada e da precariedade” (Mbembe, 2018, p. 198).

Na história de Sorriso, havia uma coleção de tranquilidades furtadas. Sua cor atravessava a experiência íntima, fazendo com que uma situação corriqueira, como voltar para casa, fosse transformada e impedida de ser qualquer coisa banal. Foi usada como justificativa para a desconfiança de que estivesse armado, pronto para assaltar o estabelecimento onde, em certo dia, pretendia almoçar:

*Intervalo do trabalho, horário do almoço. Você ia comprar um lanche e se ofereceu pra trazer algo pra sua chefe comer; ela te deu um dinheiro pra pagar a comida dela e a sua, te dizendo pra ficar à vontade pra comprar algo pra você também. O refrigerante que a lanchonete tinha naquele dia não era o que ela tinha pedido; você voltou pro trabalho, atravessando a rua correndo, pra perguntar se ela queria outra bebida. Em seguida, correu de novo até a lanchonete. Lá, enquanto aguardava chegar o seu pedido, tirou o celular do bolso pra dar uma olhada no que se passava no mundo. O PM chegou: “mão na cabeça!”. Acontece que aquele corre-corre que você fez atravessando a rua foi pra eles, que te olhavam de longe, sinal de alguma coisa errada. Quando você tirou o celular do bolso, deu a comprovação: eles queriam ver uma arma na sua mão e viram. Você já tinha aprendido que sua mão negra é um risco. Me contou que ficou muito bravo, porque naquele dia não tava fazendo nada de errado e, além disso, toda essa cena se passou em frente ao seu trabalho, o que te deu muita vergonha dos seus cole-*

*gas. A dona da lanchonete te conhecia e se incomodou com aquilo tudo, pedindo explicação pro policial, que disse que a sua atitude era suspeita. Saíram. A suspeita não gerou consequência pra eles, você me disse, e não houve qualquer pedido de desculpas pra você: “é isso, né, suspeita não é erro: é procedimento”. Você me disse que, em dias como esse, o jeito é seguir mais bravo com as situações de humilhação que perfuram teu caminho. [Eu não via em você resignação.] Depois dessa cena, a sua fome passou.*

Sorriso vivia episódios como esse cotidianamente em meio à omissão necessária de uma sociedade que fecha seus olhos para essa violência poder se manifestar sem prejuízo tanto para quem a comete quanto para quem a afirma como necessária (Almeida, 2019). Os policiais que o pararam quando voltava do CFC, perto de sua casa, poderiam tê-lo levado. Quem os impediria, se há uma autorização tácita para violentar o corpo do outro que não se torna um problema senão para quem a vive na carne?

Ele, que vinha se organizando fora da delinquência, não roubava ou traficava mais, vestia-se com outras roupas e frequentava outros lugares, nunca se via livre da associação com a vida ilícita. Sabia que infracionar ou não pode ser de uma diferença inaudível quando se vive muitas formas de morrer, como a “exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição” (Almeida, 2019). Dá no mesmo ser aquele que comete um ato infracional e ser quem se imagina que poderá fazê-lo quando se é “um sujeito que ‘carrega’ o crime em sua própria alma; [...] alguém que se pode desejar naturalmente que morra, que pode ser morto, que seja matável” (Misse, 2010, p. 21).

O processo de incriminação – fabricação social da imagem do sujeito perigoso – determina que a presença de uma pessoa nos lugares fique instantaneamente marcada pelos olhares que se deslocam para ela. Os policiais que apareciam na vida desses dois meninos demonstravam tanto os processos de acusação social quanto quem são os sujeitos que têm “o monopólio do exercício legítimo da violência” (Misse, 2008, p. 13). Em uma sociedade em que não é o crime que se pune, pois não precisa sequer haver delito, existirá proteção possível para esses meninos?

## 5.2 A CHEGADA EM CASA VEIO COM ESSA RAIVA. ESSA MUITA RAIVA

Alguns corpos, tornados desumanizados, estão mais expostos à morte e ao apagamento dos traços que confirmam que algum dia existiram. Quando os policiais disseram para Likão que estavam com vontade de matá-lo e abandonar o seu corpo no meio da mata, evidenciaram essa afirmação. Foi isso também que Sorriso experimentou quando não pôde simplesmente entrar na sua casa vindo da aula preparatória para condutores. Em cada encontro que tivemos, esses dois meninos contavam que eram investigados

e revirados, vivendo uma ressonância do indizível. Os relatos de violência não cessavam e, quando um expunha uma experiência própria, o outro, escutando, lembrava mais uma, como esse diálogo vivido por Likão:

*“Tá andando duro por quê? Tá armado?”*

*Não, senhor.*

*“Levanta a camiseta, quero ver se não tem arma!”*

*Levantei a camiseta, virando pra trás e pra frente, assim, rapidão, pra mostrar que não tinha nada.*

*[Você me contou que depois que a polícia te liberou, ainda te seguiu com o carro por um tempo.]*

*Nessas horas, é a maior neurose.*

Aquele menino mostrava uma de tantas experiências frequentemente silenciadas diante da ideia de que pessoas como ele precisam provar que não são culpadas para seguirem adiante. Mas as consequências desse “tá andando duro por quê?” não aparecem para a medida quando não se detém diante da imagem do menino que tenta outra vida e que, no interior dessa tentativa, permanece vivendo o que antes já existia: a abordagem policial e a possibilidade de ser apreendido a qualquer tempo. Os dois disseram que sobre as questões vividas com a polícia não falavam com ninguém, mastigando a sensação de que nada poderia mudar o que viviam. Não vendo a medida como uma ouvinte dessa reverberação, testemunha ou parceira, aquilo que experimentavam passava como algo particular, mais um evento de um dia qualquer.

A raiva de Sorriso dizia respeito à injustiça da suspeita e ao corte provocado pela abordagem policial na alegria que sentia por conseguir tirar a carteira de motorista, o que exigia alguns esforços, como se deslocar ao centro de formação depois do trabalho, pagar as aulas e a prova, dormir menos do que gostaria, guardar dinheiro para comprar um carro. Coisas nada simples para um menino que viveu uma vida de muitas privações. O não reconhecimento dos outros sobre seus esforços produzia um abismo bastante concreto entre aquilo que esperavam que fizesse e o que vivia efetivamente. Esse espaço, muitas vezes, ficava parecendo um problema à parte, como se ser parado e revistado enquanto caminhava para casa nenhuma relação tivesse com a medida. No entanto, a abordagem não acabava quando a polícia ia embora, e seu alívio era sempre um sopro perante a raiva de viver, uma vez mais, a impossibilidade da alegria.

O cotidiano do menino e o da sanção não se encontram quando o primeiro vive tendo de responder à lei que não quer saber do que se passa com ele. Se tais cenas não fazem parte da artesanaria da medida, de seu dia a dia, como poderá ela se perguntar sobre aquilo a que se propõe ou sobre o que registrar nos relatórios técnicos como condição de vida daquele cuja existência pretende mudar? Desencontro feroz esse em que a medida reproduz violência por omissão (Butler, 2019), não falando sobre a coisa

porque entende que ela não aconteceu ou por vê-la como um fato banal na vida do menino que tem que seguir em frente aguentando. Os meninos, destituídos de singularidade, ficam sendo noções bastante abstratas cujos direitos são porosos enquanto a medida inviabiliza todo pensamento acerca dos movimentos em sua existência.

A cena que Sorriso lembrava faz ver a impossibilidade de um menino negro ser trabalhador, aprendiz ou freguês de uma lanchonete sem ter de suportar e superar repetidas experiências de humilhação. Queria ser um consumidor naquele estabelecimento e não podia sê-lo impunemente. Meninos como ele aprendem, muitas vezes, sozinhos, a seguir diminuindo a própria sensação, “deixando pra lá”, no esforço de vencer na vida quando deixar pra lá torna-se uma lição individual, e não questão política. Entretanto, ele não se submetia, declarando a raiva que sentia por ter sido interrogado perto de seu local de trabalho.

Impera certo silêncio acerca de experiências de brutalidade contra meninos cuja ilegalidade cometida justificaria desconfianças que, desde antes, já eram colocadas sobre eles. Por vezes, apontar uma violência infligida contra eles soa como um exagero, como se quem denuncia inventasse agressão onde não teria havido porque aquilo que lhes acontece, fazendo parte do pacto social, é o devido. Se há legitimidade no menino ser parado em nome de uma suposta proteção social ou em razão de seu desvio, não há queixa a ser feita, nunca houve abuso. Assim, não há alívio contra a injustiça para o sujeito discriminado “desde que a lei – formal e distante – recolhe a todos em seu seio ‘democrático’” (Nascimento, 2016, p. 94).

Esses meninos, vivendo circunstâncias ameaçadoras de seu corpo e de suas experiências, frequentemente, são apenas chamados para falarem delas, ancorando suas vidas no insuportável, e a violência ganha uma centralidade que também emudece quando não pode haver outros temas para além da monotemática violência.

Quando a medida não desvia o olhar, no entanto, gera para si outro desafio: atravessar com eles o infortúnio produzindo instantes de escape, relacionando-se com o que se passa e com o constante esforço que fazem para permanecerem vivos, mantendo inteira uma parte de si, caminhando com a cabeça boa, inventando outras perspectivas e aventando horizontes enquanto são violados a cada dia. Falando de outros assuntos, a medida passaria a conhecer os campos pelos quais suas biografias circulam.

Quando “a única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável” (Deleuze, 2013, p. 215), escapar pela insurgência tem a ver com dizer mais do que o antecipado sobre a própria vida, tal como MC Poeta fazia em suas músicas. Também produz caminhada reconhecer, com o menino, a raiva perante o insuportável de seguir aguentando diariamente, ajudando-o a olhar para um horizonte em que a resistência se afigura como possibilidade coletiva (Kilomba, 2019), fazendo ecoar outras vozes em meio àquelas que o violentam.

### 5.3 FAMÍLIA É COMPLEXO

Likão e Sorriso mostravam uma dimensão da experiência familiar que talvez se mantivesse escondida se eu não me detivesse, por algum tempo, relacionando-me com eles, escutando os temas que levavam. Certo dia, depois de alguns encontros falando sobre episódios de agressões, apareceram cenas sobre as famílias, e essa conversa começou com Sorriso dizendo que “família é complexo”, afirmação que se relaciona com uma temática bastante presente na medida, já que, ao longo do tempo, a família tem sido compreendida como uma das motivações para a infração e, portanto, local privilegiado de intervenção (Batista, 2003; Feltran, 2011; Galdeano; Almeida, 2018).

Quando trabalhava com as medidas em meio aberto, escutei muitas histórias de meninos que não podiam contar com seus pais e mães; havia mães que nos pediam, cansadas, para que seus filhos fossem internados “na Febem”. Estranhando, com aquelas pessoas, certo ideal de família como potência única, visávamos construir alternativas para decidirem como avançar contando com outras forças. Pensar o que produzia aquelas afirmações que chegavam até nós era tão importante quanto ressignificar a ideia de que, sem poder contar com os laços de sangue, a vida não seguiria.

Sorriso, que disse nunca ter escutado a palavra *filho* ou ter dito a palavra *pai*, tinha na figura paterna alguém que só falava com ele quando precisava de alguma coisa – “menino, vai buscar uma cerveja pra mim”. A boca do pai não soltava o que o ouvido do filho desejava; nela, aquele menino não tinha nome. Sorriso tentava não comprar a ideia dele, e sua mãe fazia oposição em seu favor; ele se ligava mais ao amor dela do que ao desafeto do pai, em um empenho que o animava a fazer diferente para não produzir em quem amava o que ele havia sentido enquanto crescia.

O filho do pai que não dizia seu nome tornou-se pai também e passou a pensar que não podia tomar “atitudes precipitadas” que o afastassem da filha: “eu quero ser um pai vivo e presente pra ela. Correr o risco de ir preso é não ter uma atitude certa na cabeça”. A filha mudava o menino, dando outro valor ao tempo e outra urgência àquilo que ele queria partilhar. Ela nasceu pouco antes de ele ir para a internação, e “era todo dia uma saudade de segurar aquela mãozinha. Depois, eu voltei pra casa e vi que ela já sabia falar, foi de apertar o coração. Quanta coisa a prisão faz perder, né. Quando eu voltei pra casa, a menina já corria no quintal”. Disse que, não fosse ela, talvez não duvidasse tanto da volta para o crime; sem ela, a vida desse menino-pai, talvez, já não seria. Ele não precisava falar mais do que isso para descrever a internação; quando contava suas lembranças, mostrava que estar internado era perder os primeiros passos da filha. Que era, também, contra o risco de ficar sem essas trocas que brigava quando temia ter de voltar ao crime nos dias em que não acreditava que uma alternativa seria possível. Era disso que havia sido privado e era para essa falta que não queria retornar.

Escutando a fala que se entregava, Likão e eu dávamos importância para as perdas e preocupações de nosso interlocutor, não colocando-o na posição de quem tem de pedir reconhecimento pelo que é e estimulando a troca que acontecia sem solicitar uma transformação – ele não precisava encontrar outro significado nem dizer algo além do que desejava sobre a internação. O reconhecimento do que dizia fazia um apelo ao porvir daquele que se relacionava conosco (Butler, 2019), instigando-nos a imaginar um desejo de futuro nos relatos de suas experiências passadas. Diante do relevo que dávamos para suas narrativas por meio de nossa escuta atenta, a fala de Sorriso aparecia como um rompimento, tornando-se uma contracorrente da violência ao fazer ver outras marcas que carregava consigo: aparecia o filho e o pai que ele era, além do destino que aventava na relação com a filha que crescia.

Likão, ao escutá-lo, contou que, certo dia, caminhando pelo bairro, alguém lhe apontou: “esse aí é o seu pai”. Depois disso e até aquela nossa conversa, em seus 19 anos de vida haviam trocado poucas palavras. Família, para ele, eram a mãe e a avó, já falecidas quando nos conhecemos, além do irmão, mais novo que ele. A mãe era uma figura forte que “não aceitava dinheiro sujo e [que] brigava com carinho”; ela o aconselhava e “quando ficou doente, deu mais vontade de não ficar no crime; ela tava certa quando dizia que quem entra, não sai”.

Lembrou-se de, aos 7 anos de idade, buscar algumas vezes seu padrasto no bar; na realidade, “já deitado na calçada em frente, apagado depois de beber um monte. Ele gastava todo o dinheiro do aluguel com bebida”. O menino, quando pequeno, se jogava na frente de algum carro que passasse para pedir carona para casa e alguém para ajudar a carregar aquele adulto grande e pesado: “moço, me ajuda a levar meu pai pra casa?”. Em alguns dias, esse padrasto o agredia. Quando Likão comeu um segundo pedaço de bolo, dado por seu irmão mais novo, da mão do padrasto veio o tapa, e “já no primeiro, eu caí de joelho; depois, veio um soco e o fio de cobre. Eu me vomitei todo. Eu tava usando uma camiseta do ursinho Puff que ficou toda coberta do vômito”. Levantou sua camiseta e nos mostrou as cicatrizes (não que Sorriso e eu não acreditássemos no que dizia, mas, talvez, porque fosse necessário dividir para poder dizer). Nós o olhamos em silêncio; penso que não sabíamos o que falar, e talvez nada coubesse mesmo, nenhuma palavra daria mais do que os nossos ouvidos despertos que o levavam a sério. Tinha o olhar intenso de quem contava toda uma vida; ele era o mesmo menino que gostava de, mais menino ainda, ficar perto da avó enquanto ela costurava e que, por isso, sabia dizer a diferença entre crochê e tricô. Contou que, apesar do padrasto, cresceu “homem forte e de palavra” que enfrenta na voz e não abandona o irmão, filho desse homem violento e pai dessa pessoa querida – “um menino bom”.

Quando contava essas memórias, permitia que Sorriso e eu reconhecêssemos a violência que o submetera, na infância, à condição de criança desprotegida, passo

primeiro para inaugurar algo diferente daquilo que dizia. Isso acontecia dentro de uma atenção mútua que permitia vê-lo humanizado e fazer algo desde a posição de quem tem uma trajetória biográfica não territorializada em uma única possibilidade de estar no mundo. A mim e a Sorriso importava pouco cavoucar as cenas de agressão contra Likão; nos significava muito acessar o que o movimentava a falar daquilo tanto tempo depois e a nos mostrar suas cicatrizes no tão incomum gesto de um menino da medida levantar sua camiseta para quem pouco conhecia, sobretudo, uma mulher. Estar ali com ele e escutá-lo produzia muito mais do que tentar compreender minuciosamente os fatos que lhe haviam passado, pois podíamos, juntos, remontar as cenas desde outros lugares.

Talvez ele tivesse nos mostrado seu dorso porque não estava apenas diante de mim, e a presença de Sorriso o autorizasse. De toda forma, é provável que aquelas trocas tenham se dado porque aconteciam em um grupo atento às miudezas do próprio dizer, em que as perguntas eram bastante pensadas antes de serem ditas, no empenho de não invadirem ou desrespeitarem o narrador. Cada cena era escutada com calma e não intervínhamos com demasiadas perguntas, pois interessava tramar um contexto que nos permitisse notar “uma vivência imperceptível aos olhos de quem só olha de través” (Sousa, 2019, p. 319). Nós três fazíamos um comum em que a conversa fluía porque não havia um entrevistador, e eles não estavam apenas perante alguém, a pesquisadora, que não havia vivido nada sequer semelhante ao que relatavam: havia lá outro menino que não precisava perguntar sobre a família, pois sabia do que se tratava e que, não tendo vivido exatamente a mesma coisa, não era tão radicalmente um estrangeiro. Um emprestava ao outro a vontade e a tranquilidade para falar.

## 5.4 TRABALHO E INSISTÊNCIA POR OUTRA VIDA

Em nossas conversas, ambos discorriam sobre o ato infracional como uma ocorrência em suas existências da qual buscavam se desgarrar. Pelo crime, o acesso ao dinheiro se dava por meios intranquilos, e a chegada da maioria vinha mobilizando a vontade de viverem momentos mais serenos. A vaga de aprendiz em que estavam inseridos quando nos conhecemos era uma distância em relação ao crime, um meio para que não caminhassem tão no fio da navalha, tão no lado trágico da existência. Sorriso dizia que “quando o tempo que se perde no crime vale mais que o dinheiro que ele dá, a gente tem que buscar um trabalho”.

Enunciando que “a sociedade fala que a gente tem que mudar, mas não deixa”, contava que fazer um trabalho lícito não resolvia os percalços do dia a dia, que é mentira que trabalhar garante uma existência social menos devedora quando “parece que ela [a sociedade] não acredita no que pede pra gente”. Ser trabalhador não significa estar protegido. O menino da medida que trabalha é parado para ser revistado,

assim como o menino da medida que não trabalha ou que é trabalhador do ilegal. Considerado um não cidadão, é sempre um operário sem garantias.

Fiz, antes de conhecê-los, muitas reuniões no local onde trabalhavam. Algumas vezes, comi no mesmo bar onde Sorriso foi comprar um lanche para si e um refrigerante para sua chefe; bastava cruzar a calçada de uma ruazinha estreita que me exigia apenas observar se carros passavam antes de atravessar. Para Sorriso, aqueles poucos passos deram contexto para uma averiguação policial, realizada em frente ao seu local de trabalho, provocando uma “mistura de raiva e humilhação”. Ele vivia um sem-saída de situações, ao mesmo tempo, inesperadas e antecipadas, em que coisas simples como pegar o celular para dar uma olhada no que quer que fosse gerava desconfiança. Havia essa cruel impossibilidade de existir tranquilamente no interior de sua pele, mesmo dentro do esforço que fazia para trabalhar e construir outras possibilidades, formando um nó que não se soltava quando havia sempre uma tensão invadindo a menor coisa que fizesse enquanto pedia para ser reconhecido para além de “apenas aqui-agora, enclausurado na [sua] coisidade. [Podendo ser] para além e para outra coisa” (Fanon, 2008, p. 181).

No trabalho com a medida socioeducativa, de tempos em tempos, apareciam vagas para programas de aprendizagem em secretarias municipais e estaduais ou em organizações da sociedade civil, provocando uma afobação nas equipes para garantirem telefonemas e conversas com os meninos a fim de incentivá-los (ou convencê-los) a se inscreverem naqueles chamamentos. Aquela corrida mostrava a aridez desse terreno em que, em razão de tanta secura, quase qualquer alternativa de geração de renda soa como uma salvação que não pode ser desperdiçada. O acesso à vaga de aprendiz, todavia, longe de ser uma solução fácil, dava início a outros problemas, que tinham a ver com a entrada dos meninos em um universo complexo e desconhecido para eles.

Likão e Sorriso falavam do esforço que faziam para estar diariamente ali enquanto outros meninos dormiam ou não precisavam correr tanto para chegar a outra posição. Sorriso disse que

*É difícil a vida, mas tem sempre alguém da família chamando pra fazer um bico, ganhar uns trocados por um dia de trabalho. Tem menino que não quer porque é preguiçoso. É boy de prédio e tem tudo fácil; mesmo sendo da quebrada, ele pode não querer, pode não ter vontade. Esses pegam carona no ônibus pra chegar na medida, e os outros se esforçam, pedem carona pra qualquer um pra chegar lá, e no baile funk e tal. Alguns meninos não trabalham porque não querem. Uns parecia até que queriam, mas dormem muito e, aí, são mandados embora.*

Ambos deslizavam entre a certeza e a dúvida, confiando que faziam um bom trabalho e receando, ao mesmo tempo, que fossem dispensáveis. Não era nada paradoxal

esse lugar de ser alguém desnecessário, porque a maioria das experiências colecionadas por eles, até então, mostrava a efemeridade das coisas em vidas como as deles. Sentiam-se inseguros, ali, em razão de suas próprias trajetórias.

Para Sorriso, ser aprendiz era importante, pois garantia renda fixa, horários definidos e lugar certo para ir todos os dias, ocasião para se vestir bem, como gostava: “trabalhar é tá numa vitrine, né: alguém olha e vê que você tá se esforçando e pode se interessar”. Nele, pairava a dúvida a respeito do que faria quando seu contrato terminasse: “Eu fico pensando como vai ser daqui um ano, quando a minha bolsa acabar”. Receava não ter condições para concorrer a um emprego, não ter qualificações para se candidatar a alguma vaga e não saber o que fazer em uma entrevista, já que nunca havia estado em uma – chegara àquela experiência por meio de articulação do serviço no qual havia cumprido sua medida em meio aberto. Acionando a dimensão temporal desconsiderada pela medida, produzia assunto sobre a prática tão comum de inserir os meninos nos lugares sem colocar essa inserção dentro de um processo. Aquela experiência, que tinha prazo, passaria. O que fazer depois?

Era como se uma ponte não houvesse sido construída quando eram colocados nos espaços para fazer o que lhes era solicitado seguindo coordenadas que nunca eram objeto de discussão ou de reflexão. Nunca convidados para pensarem junto. Assentada a favor de certa agilidade (dos fazeres, dos procedimentos, das respostas, da urgência da vida cotidiana), a medida negligencia que a desalienação passa pela comunicação entre as pessoas, consideradas capazes de questionar as contradições que as atravessam (Nunes, 2005). Não construindo junto, Sorriso não colecionou aprendizados do processo e se percebia despido diante de seu futuro, temendo “voltar a fazer aquelas coisas que a gente gosta”. Ele gostava de roubar e, ao mesmo tempo, não queria mais.

Não havia um acompanhamento dos pensamentos e dos afetamentos que neles advinham estando ali porque, para a medida, arranjar um emprego era mais urgente que pensá-lo. Todavia, ponderando sobre o próprio fazer, é possível semear um tempo outro, um tempo vivido *com* o outro e que também briga contra a política temporal do neoliberalismo que desfaz o tempo *do* outro, tomado como não eficiente (Han, 2021). Diante de uma participação sempre restritiva e reservada àquilo que todos os meninos da medida têm de fazer, a ausência de pensamento sobre as ações levava Sorriso a não viver o processo, e essa não participação tornava solitária e mais difícil a compreensão dos efeitos daquela experiência para ele.

Dentro desse fazer da medida, centrado no encaminhamento, Sorriso não acreditava que seria possível ter um emprego quando seu período como aprendiz findasse, apesar de saber que fazia um bom trabalho, já que era sempre elogiado pelas coordenadoras e pelos colegas. Por vezes, a primeira saída que vislumbrava era voltar a roubar, não vendo a possibilidade de fazer dinheiro fora disso, pois roubar era o que

sabia, conhecendo cada etapa necessária até chegar ao objeto desejado. As perspectivas de ter um emprego que aceitasse sua história, suas dificuldades e seus saberes lhe pareciam tão efêmeras que o roteiro infracional voltava a se mostrar uma possibilidade, mesmo não querendo mais viver as implicações de ser um ladrão.

Sob o olhar da medida, o tema do trabalho vem carregado de tantas expectativas que esse enredamento não pode ser descoberto. Procurando pistas de uma vida que quer corrigir, a medida fica incapaz de ver o chão em que o menino precisa se colocar apesar das rachaduras que constituíram o seu caminho. Essas vidas se colocam em marcha dentro de um cotidiano em que ir para o trabalho implica ter de recobrir cada instante vivido com experiências de racismo e desconfiança, e a palavra de ordem para que sigam apesar disso, desviando o olhar do que os importuna nessa relação naturalizada, furta-lhes o direito de se oporem e à revolta de quem não quer mais viver esses episódios.

Quando, depois de meses trabalhando junto, Likão e Sorriso foram separados sem explicação, orientados a trabalhar cada um em um serviço, ficaram ambos em uma indeterminação pesarosa para eles, pensando: o que aconteceu? Foram diretamente para o lugar do erro, da incompetência e da insuficiência, porque suas histórias de vida os levavam até esse lugar familiar. Deixar de torná-los parte daquela decisão ou de contar como ela havia sido tomada era desconsiderar suas trajetórias e um jeito de aqueles adultos não precisarem se haver com o que a notícia produziria nos meninos. A transferência não foi, para eles, um detalhe; não era só ir para outro lugar, fazer um trajeto diferente, pegar outro ônibus. Era a repetição nada fantasiosa do lugar de ineficácia que as desigualdades sociais engendram.

